



A AVALIAÇÃO ORAL NO ENSINO DE FILOSOFIA

Márcia Aparecida Gottardi Krebs – UTFPR - marapgott@hotmail.com

vanessa@utfpr.edu.br – UTFPR – vanessah@utfpr.edu.br

Revista de Pedagogia em Educação

RESUMO

O presente artigo apresenta uma pesquisa de análise acerca da avaliação oral no ensino de filosofia no ensino médio com base nas percepções de ensino nas Diretrizes Curriculares Específicas para a disciplina de Filosofia. Busca que os alunos tenham um domínio de clareza e expressão de suas ideias. Discute-se o parâmetro de avaliações em disciplinas que usam somente avaliações escritas fazendo um questionamento sobre como esses sistemas de avaliações que ocorrem propiciam que os alunos aprendam e façam uma conexão dos conteúdos aprendidos com a realidade que os cerca. Concluiu-se que os alunos encontram muita dificuldade nas avaliações orais. Acreditam que há disciplinas nas quais as avaliações devem ser somente escritas e não orais. No entanto, nas avaliações orais eles se sentem menos pressionados e participam ativamente do processo de conhecimento, pois ora que se está sendo ensinado também há aquisição do saber ao lidar com as controvérsias, a avaliação oral vem tomando o espaço das tradicionais avaliações escritas. Abrir espaço para que os alunos manifestem suas opiniões, abertamente, contribui para a formação de cidadãos com senso crítico mais apurado.

Palavras-chave: provas; avaliação; ensino crítico.

1 INTRODUÇÃO

Quando se fala em avaliação sempre são lembradas as tradicionais provas descritivas, longas que algumas vezes estimulam apenas a memorização. Em filosofia, o fim de averiguar os conhecimentos dos alunos, é comum o uso de avaliações orais, porém junto vem também a dúvida sobre quais avaliações são realmente úteis, quais são as melhores.

Percebe-se que o perfil dos alunos e as tecnologias mudaram nos últimos anos. Assim, para continuar fazendo o papel de agente educacional, as escolas precisam mudar suas estratégias, tanto de ensino quanto de avaliação do aprendizado dos seus alunos.

Dentre tantos aspectos a serem analisados no que trata de educação, salienta-se a importância da utilização da avaliação oral em filosofia. É

necessário que os alunos saibam expressar suas ideias, e isso deve ocorrer dentro das salas de aulas, proporcionando aos mesmos o desenvolvimento de seu senso crítico, para posteriormente exercê-lo na sociedade.

Através desse trabalho de pesquisa objetiva-se compreender como se dá o processo avaliativo oral, além de verificar o nível de interesse dos alunos quando a metodologia é aplicada para avaliação de aprendizagem. Espera-se verificar, ainda, se a avaliação vai ao encontro do que realmente os alunos aprenderam, de modo subjetivo, sem o formalismo das avaliações, de modo mais cumulativo e formativo. Outro objetivo da pesquisa é observar qual a frequência e relevância desse sistema avaliativo, bem como seus reflexos no campo da aprendizagem.

Foram entrevistados 11 alunos do terceiro ano do ensino médio. Sabe-se que a disciplina de filosofia está na grade curricular no ensino médio desde o primeiro ano. Entretanto, optou-se por realizar esta pesquisa com os alunos do terceiro ano, tendo em vista que estes já tem uma caminhada na filosofia por dois anos, assim como também já possuem uma maturidade maior, podendo assim contribuir para que o resultado seja mais confiável. Outro aspecto que vale ressaltar é o fato destes já possuírem um senso crítico mais desenvolvido que os das séries anteriores.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Processo ensino-aprendizagem segundo as Diretrizes Curriculares da Educação Básica (DCE, 2008)

Como há de se verificar, todo o processo de ensino e aprendizagem é sempre intencional. Dentre os aspectos que se caracterizam nesse processo, destaca-se a relação entre professor e aluno, como destaca o documento base que norteia o ensino de Filosofia nas escolas públicas no Estado do Paraná as Diretrizes Curriculares de Filosofia para a Educação Básica (DCE, 2008, p.32). Esta relação concretiza-se por dois momentos: assimilação e acomodação do conhecimento.

Geralmente essas atividades são coordenadas pela ação docente em vista de desenvolver os conhecimentos e habilidades do aluno para determinados resultados, o que depende do nível atual dos alunos, experiência e desenvolvimento mental. Destaca-se que nesse processo ainda que é importante levar em consideração a idade e as capacidades intelectuais para ter domínio desses conhecimentos

Ainda de acordo com a DCE, os saberes acumulados são conhecimentos adquiridos na convivência social e também sistematizados nas ciências, levando em consideração os meios socioculturais e as condições de vidas dos alunos, todos esses aspectos devem ser levados em conta pelo professor nas estratégias de preparação das aulas para atingir a aprendizagem.

Ao longo da história a aprendizagem foi abordada por muitos estudiosos, sobre diversos pontos, destacando como era o processo de aprendizagem. A aprendizagem só possível é através da experiência, observação ou motivação dependendo das maturidades físicas, psicológicas e sociais, como se pode analisar na Diretriz supracitada acima.

Por outro enfoque o processo de aprendizagem possui diferentes concepções e conceitos, dentre os quais eles baseiam-se nos tipos de memória (curto e longo prazo), na motivação que se tem, nos conhecimentos e informações, a planificação, a organização, a cooperação, o estilo de aprendizagem que pode ser associativa ou condicionada. Por meio desses métodos o indivíduo consegue que a aprendizagem seja eficaz promovendo sua autonomia, através da prática das suas interações.

Nesse processo o professor é um agente ativo muito decisivo na concretização dos conteúdos e significados do currículo, moldando a partir de sua prática diária qualquer proposta que a ele se apresente tornando-se um mediador que intervêm para trazer os significados as propostas curriculares.

No que tange a questão das avaliações o formalismo das avaliações descritivas e objetivas levam os alunos a encarar as mesmas como uma repetição do professor uma espécie de decoreba, ou ainda com um objeto separado do processo de ensino e aprendizagem.

Tendo em vista que a avaliação deve ser uma ferramenta para que a aprendizagem ocorra concomitante com o ensino e que em filosofia a oralidade faz parte do aprendizado do aluno, pois os mesmos devem despertar seu senso crítico expondo suas opiniões debatendo-as, defendendo-as através da oralidade,

Nas Diretrizes Curriculares de Filosofia do Estado do Paraná (DCE), a oralidade tem um aspecto importante como se pode destacar na seguinte trecho:

A utilização repetida e exclusiva de um mesmo tipo de instrumento de avaliação reduz a possibilidade de observar os diversos processos cognitivos dos alunos, tais como: memorização, observação, percepção, descrição, argumentação, análise crítica, interpretação, criatividade, formulação de hipóteses, entre outros; (p,31).

Como transformar alunos em conscientes cidadãos senão por meio do senso crítico da realidade? Como desenvolver isso se não de forma oral? Segundo as DCEs, a disciplina de filosofia vem a encontro dessa realidade, formar não somente alunos com os conteúdos, mas também para a sociedade.

Os sistemas avaliativos de forma objetiva constroem cidadãos da reprodução e não da consciência da realidade. Não se está mais na era tecnicista, onde se reproduzia o que o professor fala em sala de aula. O ensino hoje deve estar voltado para o diálogo, o debate, despertando no aluno o agente transformador de sociedade, como se pode observar nas DCEs.

Pensando nessa perspectiva de avaliação proposta nas DCEs, a avaliação acontece ao mesmo tempo em que o professor ensina. Desperta no aluno um desejo pelo aprender, por participar das aulas, sente-se importante perante o professor e colegas que ouvem, questionam e debatem com suas ideias. Mas para isso ele precisa se posicionar sobre aquele determinado assunto; é necessário que ele busque informações sobre o conteúdo estudado para saber participar da aula. Desta forma o conhecimento torna-se simultâneo com a avaliação levando o aluno a não sentir-se pressionado com as avaliações objetivas.

2.2 Ensinar e Avaliar

Dentre os muitos aspectos que cercam a educação pode-se dizer que o ensinar é o principal e o avaliar é uma consequência. Mas avaliar para alguns professores é um processo que se faz em um momento diferenciado dentro de suas práticas docentes. Para tanto, vale ressaltar que muitas mentalidades vêm mudando com relação a isso, e que o processo de avaliar tem se tornando também um momento de ensino.

Um dos pontos que se tem discutido no ensino da filosofia nos últimos tempos é se ela pode ser ensinada, ou ainda, se ensina-se a filosofia ou a filosofar. Esta é uma questão que começou-se a ser debatida desde Kant, como uma tese que acabou reduzida a seguinte expressão: “Não se pode aprender filosofia, mas apenas aprender a filosofar”, mas será mesmo que a filosofia não pode ser ensinada? Fato é que ela, enquanto disciplina deve ser ensinada, mas o ensinar de filosofia é diferente do ensinar em outras disciplinas.

Pode-se então ressaltar a conclusão que chegou a Lidia Maria Rodrigo em seu livro intitulado Filosofia em sala de aula sobre o ensino de filosofia no ensino médio:

Não faz sentido indagar se a história da filosofia deve figurar nos programas do ensino médio, mas, considerando as formas problemáticas que assumiu no passado, torna-se imprescindível perguntar como e em que sentido ela deveria se fazer presente. (RODRIGO, 2009, p.50)

Sendo assim, pode-se verificar que o ensino de filosofia é um ensino que está voltado para a tradição filosófica, mas também fazendo uma ligação para a realidade, fazendo com que os alunos tenham um caráter crítico sobre seu mundo. Ainda no mesmo livro a autora reforça o uso das atividades orais como uma atividade que vai além do avaliar e do que os outros filósofos pensaram, despertando nos alunos o senso crítico e criando então pensamentos próprios destaca-se:

Os exercícios orais podem ser muitos diversos. Os mais utilizados nas aulas de filosofia são os diálogos, a discussão, a disputa e o debate; essas atividades reforçam a elaboração de um pensamento não dogmático. (RODRIGO, 2009, p.82)

Ainda sobre o ensino de filosofia e sua relevância no que tange a construção de sujeitos críticos, pode-se observar no texto de Danilo Marcondes intitulado 'É possível ensinar a filosofia? E, se possível, como?', que há preocupação em se ter uma visão filosófica. Em tal visão, o aluno, a partir dos textos clássicos, passa a buscar seu próprio entendimento sobre o assunto tratado por aquele autor, bem como também conciliar com a realidade dos alunos como se pode observar neste trecho:

O ensino da filosofia pode ter então no primeiro caso, do estudante de filosofia, um papel formativo, levando-o a desenvolver suas próprias reflexões com base no conhecimento dos filósofos da tradição, de seus textos, de seus argumentos. O estudante de filosofia deve ser capaz sempre de buscar as suas próprias questões, mas sua reflexão se desenvolverá na medida em que puder aperfeiçoar um método de leitura dos textos dos filósofos, e de interpretar e reconstruir seus argumentos. (MARCONDES, 2008, p.63-64)

A filosofia muitas vezes necessita sair do convencional para que transpareça sua essência, cumpra seu papel. Principalmente nas salas de aula pode-se notar isso nas palavras de Sônia Campaner em seu livro "Filosofia: ensinar e aprender", onde a autora faz uma análise de algumas possibilidades de trabalho e ensino da filosofia. Um dos pontos que se pode destacar é a reflexão que ela faz sobre como pode ser esse ensinar filosofia, e na liberdade que o professor tem na escolha do tema a ser abordado:

O que consideramos importante, nessa maneira de dar aula, é que ela pode ser uma forma de colocar o professor em sala de aula, num lugar de escuta que não significa passividade. Mas um lugar em que ele pode respeitar o aluno sem ser desrespeitado. Um lugar de autoridade sem autoritarismo. A filosofia é uma disciplina que possibilita essa liberdade, e não por que fazer que ela seja ensinada segundo os parâmetros de outras disciplinas. (CAMPANER, 2012, p.121-122)

Sabe-se que essa tarefa não é fácil. Romper com um sistema de ensino tradicional de perguntas e respostas lógicas e passar a respostas com

pensamentos próprios e críticos demanda tempo. No entanto, isso também é tarefa dos professores: mudar o sistema consolidado. Nesse contexto é que este presente trabalho investiga a participação e interesse por ensinar e avaliar oralmente na disciplina de filosofia.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para corroborar com a pesquisa bibliográfica, este trabalho contou com a participação de 11 alunos de uma mesma turma, que deram sua contribuição respondendo a um questionário. As perguntas foram formuladas de modo a serem discursivas e não indutivas, havendo mais que uma resposta para a mesma questão. Foram formuladas questões com base nas atividades avaliativas e práticas diárias dos alunos, principalmente no que se refere ao ensino de filosofia e ao interesse pela mesma. Os dados a seguir foram obtidos a partir desta pesquisa realizada com estes alunos:

Quadro 1: Quando se perguntou sobre quais as formas avaliativas usadas:

Escritas	Orais	Práticas	Outras
11	7	1	1 (vídeo-aulas) 1(Comportamento)

Fonte: Dados colhidos pela autora (2015).

De acordo com o Quadro 1, a primeira forma de avaliar o que os alunos conhecem, e também a mais usada, é a avaliação escrita. Até mesmo o conceito de avaliação remete as tradicionais provas escritas. Isso está consolidado no meio escolar, mas aos poucos a visão de avaliação vem ganhando novos aspectos, as avaliações orais vão ganhando espaço.

Pode-se ainda perceber que os alunos consideram vídeo-aulas e bom comportamento como avaliações diferentes, mas elas estão de certa forma dentro da avaliação oral ou ainda dentro de um contexto de sala de aula que compõem indiretamente o processo de aprendizagem (no caso do comportamento, que influencia na aprendizagem do próprio aluno ou no desenvolvimento das aulas).

Quadro 2: Quando questionados sobre a forma de avaliação mais usada em filosofia:

Escritas	Orais	Outras
9	9	2 (vídeo-aulas)

Fonte: Dados colhidos pela autora (2015).

Aqui fica evidente (Quadro 2) que em filosofia a avaliação tanto escrita como a oral desempenham mesmo papel, onde saber escrever é tão importante quanto saber se expressar. Nota-se ainda que avaliar nem sempre requer as provas escritas, mas pode-se aprender filosofia filosofando, ou seja, não apenas na teoria mas também na prática do cotidiano escolar. Destaca-se aqui a relevância de que os alunos, para serem críticos da sua realidade, precisam exercitar estas habilidades, sendo assim o ambiente acadêmico o melhor meio para desenvolvê-las.

Quadro 3: Quando questionados em qual forma avaliativa tem mais dificuldade, escrita ou oral:

Escritas	Orais	Ambas
3	5	3

Fonte: Dados colhidos pela autora (2015).

Na avaliação oral a dificuldade apresenta-se em maior número em relação à avaliação escrita, de acordo com o Quadro 3. No entanto há também alguns de alunos que apresentam dificuldades em ambas. Percebe-se que há certa resistência em compreender como as avaliações orais ocorrem e também em quais momentos. Nem sempre elas exigem uma formalística de avaliação ocorrendo em consonância com as aulas, assim elas deixam de ser um tipo de avaliação que facilita o aprendizado dos alunos.

Quadro 4: Quando questionados sobre quais as formas de avaliação utilizadas:

Debate, discussão	Apresentações de	Exposição de ideias

	seminários	
9	5	2

Fonte: Dados colhidos pela autora (2015).

A discussão sobre um conteúdo quase sempre acontece juntamente com os debates. Mesmo que ele não possua tantas regras, o debate - de forma livre, sem pressão como avaliação - pode produzir mais frutos no campo do aprendizado, tanto nos conteúdos quanto na construção de sujeitos mais capazes de argumentar e defender as suas ideias.

Já a apresentação de seminário proporciona uma forma mais formal de explanar um assunto ou tema, nem sempre este apresenta crescimento de caráter mais crítico. Muitas vezes, o que se vê são é mera explanação de assuntos de acordo com as pesquisas dos alunos, apenas reproduzindo o que alguém já disse anteriormente, sem reflexão sobre o conteúdo.

Quadro 5: Quando questionados se, na disciplina de filosofia, a avaliação oral ajuda a compreender e desenvolver o interesse pela disciplina e conteúdo:

Sim	Não
9	2

Fonte: Dados colhidos pela autora (2015).

As justificativas de que as avaliações orais auxiliam na compreensão e interesse pela disciplina são em sua maioria pautadas no argumento de que assim eles (os alunos) expressam o que sabem, ao mesmo tempo em que o professor pode fazer apontamentos, deixando o conteúdo mais claro. A aprendizagem é facilitada, chama-se a atenção nas aulas, esclarecem-se dúvidas. Desta forma pode-se concluir que ao mesmo tempo em que são avaliados, também pode-se ter uma aprendizado facilitado, deixando toda a pressão de avaliação do lado para ser um momento que os alunos aprendam ainda mais.

Quadro 6: Quando questionados se aprendem mais quando a avaliação é feita de forma constante e durante a apresentação dos conteúdos, permitindo que a participação seja aberta para discussão:

Sim	Não	As vezes
10	0	1

Fonte: Dados colhidos pela autora (2015).

Ainda sobre essa questão, vale ressaltar que, de acordo com argumento dos próprios alunos, quando eles expõem suas ideias, os colegas também aprendem, e vice-versa, ocorrendo assim uma maior compreensão. Quando há participação do colega sobre um conteúdo, os demais colegas se interessam também. Quando o professor faz uma analogia entre os conteúdos clássicos ensinados em filosofia com a realidade dos alunos, percebe-se que a motivação para participar da aula é ainda maior.

Perguntou-se aos alunos o que pode ser mudado com relação às avaliações. Quanto a este questionamento, as respostas foram bem diversificadas, dentre elas vale ressaltar que há num aspecto em comum: que sejam mais flexíveis de acordo com a realidade dos alunos. Uma parcela acredita que deveriam as avaliações deveriam ser, em sua maioria, orais, com a apresentação de trabalhos, perguntas mais claras facilitando a compreensão, debates onde os alunos possam também expressar suas opiniões.

Quadro 7: Quando questionados sobre quais disciplinas deveriam ter avaliações somente escritas:

Português	Matemática	Física	Química	História	Geografia	Filosofia	Inglês	Biologia	Nenhuma	Todas
3	5	1	2	3	3	1	1	1	2	2

Fonte: Dados colhidos pela autora (2015).

A estruturação de disciplinas que ao longo dos anos sempre tiveram avaliações escritas é claramente percebida no Quadro 7. As disciplinas de matemática, português, história e geografia, que na maioria das vezes realizam avaliações escritas, estão entre as mais lembradas. No entanto, sabe-se que as avaliações orais podem ser realizadas em todas as disciplinas,

inclusive em matemática. Naturalmente há também conteúdos em que é indiscutível a necessidade de as avaliações serem escritas. No caso da matemática, geralmente é imprescindível que se façam cálculos.

Nas disciplinas de história e geografia, frequentemente as avaliações são questionários nos quais os alunos muitas vezes apenas decoram o conteúdo. Nas avaliações, apenas reproduzem o que estava no caderno ou em seus materiais, sem a preocupação de consolidar com a realidade o conhecimento repassado pelo professor.

Numa das questões da pesquisa, pediu-se para os alunos discorrerem sua opinião sobre as avaliações escritas. Muitos são os argumentos favoráveis sobre as avaliações escritas, alguns reforçando sua importância. Alguns responderam que são necessárias, mais confortáveis para quem têm dificuldade de falar. Outros disseram ainda que há conteúdos em que a avaliação escrita ajuda, que a avaliação é como um teste de conhecimento, desta forma é imprescindível que seja somente escrita.

Destacaram-se também alguns pontos negativos das avaliações escritas. Os alunos apontam que há muita memorização, dificultando a aprendizagem, tornando-se uma avaliação difícil, muitas vezes com perguntas extensas. Citaram, ainda, a linguagem que dificulta a compreensão, limitando o conhecimento, enquanto que as avaliações orais permitem ampliar seus conhecimentos, pois há mais liberdade para se expressarem.

Pediu-se para os alunos discorrerem sua opinião acerca das avaliações orais. Percebe-se que os alunos têm opiniões favoráveis sobre as avaliações orais, argumentando que o principal ponto positivo é que, ao mesmo tempo em que são avaliados, também ocorre troca de conhecimentos. Neste momento, os alunos se sentem à vontade para expor suas ideias e opiniões, despertam mais interesse pelas disciplinas. Aprendem também nas respostas e argumentações dos colegas sobre os conteúdos abordados. No entanto, não são todos os alunos que conseguem se expressar facilmente na oralidade, o que dificulta seu desempenho.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos dados levantados, pode-se compreender que a avaliação oral é um instrumento válido nas práticas docentes. No entanto vale ressaltar que este instrumento não deve ser usado em sala de aula somente para avaliar, sem levar em conta as peculiaridades dos alunos, a dificuldade que alguns apresentam de conseguir se expressar. As avaliações devem ter um caráter formativo: ao mesmo tempo em que expõem suas ideias, os alunos devem poder também ampliar seus conhecimentos, seja ouvindo o outro, seja refletindo sobre sua própria prática.

Entre os obstáculos encontrados nas avaliações orais, há a questão da resistência em mudar, principalmente por parte dos alunos. Acostumados com as avaliações escritas, quando se deparam com as avaliações orais, algumas vezes acham difíceis, muitas vezes por desconhecimento de como as mesmas os podem beneficiar.

Quando a avaliação acontece de maneira clara, tranquila, sem a pressão de caráter pejorativo das avaliações, num ambiente em que os alunos se sintam valorizados e compreendidos sobre suas ideias, há um aprendizado maior. Pois quando a avaliação acontece naturalmente, a motivação para a participação é muito maior.

As diversas tecnologias disponíveis fazem com que se reflita se ainda se pode permancer com os sistemas de ensino e de avaliação tradicionais. É necessário mudar, evoluir, afinal os alunos tem um perfil diferente das gerações anteriores.

É necessário que se use de estratégias, métodos e técnicas das mais variadas para ensinar aos alunos. Não somente os conteúdos curriculares, mas também o que eles precisam para serem pertencentes a uma sociedade crítica, e esse é sem dúvida um dos papéis execidos pela filosofia ao longo da sua tradição: refletir e questionar sobre a realidade que vive a sociedade.

Vale ainda ressaltar que na avaliação oral podem-se esclarecer as dúvidas em relação à interpretação dos questionamentos. Dúvidas podem ser sanadas no mesmo momento. A linguagem oral é clara, simples, deixando o aluno avaliado mais à vontade, e permitindo que os demais tenham uma melhor compreensão sobre o que está sendo explanado.

Pode-se ainda refletir sobre a famosa “cola”: quando os alunos discorrem ou argumentam sobre o que eles sabem ou aprenderam, não se deixa margem para que a mesma aconteça.

Na prática docente, faz-se necessário o uso de muitas metodologias, tanto nas exposições dos conteúdos durante as aulas, como também nas avaliações. Sabe-se que os alunos têm habilidades diferentes e aprendem de maneiras diferentes entre si. Quando se usam recursos diferenciados para explicar o mesmo conteúdo várias vezes, a aprendizagem ocorre com mais facilidade.

No entanto, encontrar professores dispostos a sair da rotina e preparar aulas diferenciadas nem sempre é fácil. Sair da famosa zona de conforto, onde normalmente se diz “eu sempre ensinei assim”, é uma dificuldade encontrada nas escolas. Entretanto, há professores que buscam utilizar-se de recursos tecnológicos e metodologias diversificadas para suas aulas, tornando-as mais motivadoras para a participação dos alunos.

Na realidade escolar pesquisada neste presente trabalho, há os dois perfis de professores, sobressaindo-se aqueles que, ora por comodismo ou falta de formação e recursos tecnológicos, permanecem sem alterar muito suas metodologias. Quando um professor usa de recursos ou metodologias diferentes, inicialmente encontra resistência, principalmente por parte dos alunos, que depois aceitam e se acostumam com as mudanças.

Na disciplina de filosofia é necessário usar ferramentas variadas, principalmente nas que estimulem a oralidade, sejam elas debates, discussões, apresentação de seminários, tempestades de ideias, uso de tecnologia da informática para pesquisa e posteriormente comentários. É necessário despertar nos alunos a participação ativa nas aulas, para que se sintam sujeitos construtores de saber. É essencial que se desenvolva neles o senso crítico, auxiliando na construção de suas personalidade, liberdade e independência. Espera-se que os adolescentes se tornem pessoas conscientes e críticas da realidade que os cerca.

REFERÊNCIAS

CAMPANER, Sônia. **Filosofia: ensinar e aprender**. São Paulo: Livraria

Saraiva, 2012.

MARCONDES, Danilo. É possível ensinar a filosofia? E, se possível, como? In. KOHAN O. Walter (org.) **Filosofia: Caminhos para o seu ensino**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

PAIVA, Carlos Roberto. **O Ensino de Filosofia no Ensino Médio: Que Filosofia?** Puc/ São Paulo. 2006. Disponível em:

http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=31851 Acesso em: 21/01/2015.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica – Filosofia**. Curitiba, 2008.

RODRIGO, Lidia Maria. **Filosofia em sala de aula: teoria e prática para o ensino médio**. Campinas, SP: Autores associados, 2009.